

PATRICK GEDDES

Tradução
Maria José Ferreira de Castilho

CIDADES EM EVOLUÇÃO

- 31 A 33
- 35 A 42
- 77 A 87
- 145 A 151
- 189 A 196



PAPIRUS EDITORA

Título original em Inglês: *Cities in evolution*
Tradução: Maria José Ferreira de Castilho
Capa: Fernando Cornacchia
Ilustração: Antonio César de Lima Abboud
Foto: Renato Testa
Copidesque: Mônica Saddy Martins
Revisão: Juliana Bôa
Margareth Silva de Oliveira
Vilma A. Albino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Geddes, Patrick, 1854-1932
Cidades em evolução / Patrick Geddes ; tradução Maria José Ferreira de Castilho -- Campinas, SP : Papirus, 1994. --
(Coleção Ofício de Arte e Forma)

ISBN 85 308 0212-8

1. Arquitetura 2. Cidades 3. Planejamento urbano 4. Urbanismo I. Título. II. Série.

94-2400

CDD-711

Índices para catálogo sistemático:

1. Urbanismo 711

411
G. 267 ci
v. 1

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© M. R. Cornacchia & Cia. Ltda — Papirus Editora — Matriz -
Fone: (0192) 31-3534 e 31-3500 - C. P. 736 - CEP 13001-970
Campinas — Filial - Fone: (011) 570-2877 - São Paulo - Brasil.

Proibida a reprodução total ou parcial. Editora afiliada à ABDR

3/10/95
T.30393

ESCLARECIMENTOS

Cidades em evolução — O corte da edição original de 1915 foi acertado entre Dr. Arthur Geddes (presidente) e Phipps Turnbull em nome da Outlook Tower Association e Sir George Pepler (vice-presidente) em nome da Association for Planning and Regional Reconstruction.

Mostra de Planejamento Urbano — A segunda mostra de Geddes, cerca de cinco mil gravuras, desenhos, cópias fotográficas e mapas, reunidos e preparados por Patrick Geddes em 1914-15, foi organizada pelo Dr. Arthur Geddes, seu antigo diretor-assistente e atual proprietário. Foi feita uma seleção de 40 desses documentos para este livro, com o auxílio de W.W.M. Mann, e uma nota final acrescentada ao texto por Sir George Pepler.

Apêndices — Foram selecionados pela editora geral, sendo que a 2ª Parte do Apêndice 1 foi especialmente escrita por John Turner e W.P. Keating Clay.

Jaqueline Tyrwhitt
(Editora Geral)
Association for Planning and
Regional Reconstruction

Bibliografia

Os únicos livros disponíveis sobre Patrick Geddes são a vida de Geddes, de Philip Boardman, que nos dá um perfil do homem e contém paráfrases de várias conferências e ensaios — exceto aqueles relativos ao planejamento urbano (Philip Boardman, *Patrick Geddes*, EUA, University of North Carolina Press, 1944) e a minha própria edição de trechos dos Relatórios sobre as cidades da Índia, de Geddes, que nos dá uma idéia de sua abordagem dos problemas práticos de planejamento urbano (Jaqueline Tyrwhitt, Lund Humphries (eds.), *Patrick Geddes in India*, 1947). Sem falar, naturalmente, das obras de Lewis Mumford que transpôs grande parte da fraseologia de Geddes e desenvolveu muitos aspectos de seu pensamento — especialmente em *Technics and civilization* e *The culture of cities*.

Jaqueline Tyrwhitt, 1949.

“O slogan de Patrick Geddes, ‘É vivendo que se aprende’, foi incorporado por ele — e por sua esposa Ana — com muito sacrifício. Por seus esforços conjuntos, gastando todo seu pequeno capital, refizeram os arredores de sua vizinhança na cidade de Edimburgo. A cooperação — a ‘sinergia’ — que estabeleceram no trabalho, para conseguir uma cidade mais bela, foi inspirada pela intensidade de sentimento e emoção que fizeram da visão de Geddes sobre a vizinhança, a cidade e a humanidade uma ‘Comunidade Política’ iluminada por uma nova ‘Ética’ e ‘Eto-comunidade Política’. Fica a lição para os planejadores: não se aprende ‘Levantamento’ na escola, nem visitando um local; aprende-se em uma verdadeira convivência.”

Arthur Geddes, 1949.

PREFÁCIO

Do primeiro capítulo à conclusão, fica claro que este livro não é um tratado tecnológico para o planejador urbano ou para o membro do conselho municipal, nem um manual de educação democrática para o sociólogo ou o professor, mas é de caráter francamente introdutório. Contudo, não somente uma tentativa para familiarizar o leitor comum com a arte do planejamento urbano, com a renovada ciência de educação democrática (*civics*)*. O que ele busca expressar, de várias maneiras, é a harmonia essencial de todos esses objetivos e pontos de interesse e enfatizar as possibilidades de um contato mais fácil e de uma cooperação mais rica entre eles. Tudo isso não é um vago apelo ético ou econômico, mas uma tentativa de mostrar, com argumentos concretos e exemplos locais, que os distantes aspectos de nossa conduta de vida e de negócios podem ser reunidos em uma cidadania construtiva.

Apesar de nossas dificuldades contemporâneas — industriais, sociais e políticas —, há ao nosso redor elementos indicativos de uma melhoria social e, com isso, de um avanço para um estágio mais alto

* *Civics*: Educação cívica; temas relacionados à cidadania, aos aspectos urbanos e municipais. (N.E.)

de civilização industrial. O despertar social e o esforço construtivo estão em pleno início, em crescimento saudável, capazes não somente de sobreviver, mas de se desenvolver plenamente, chegando a flores e frutos — flores, na literatura regional e social e, na História, artes e ciências; frutos, na renovação social de cidades pequenas e grandes. Uma tal renovação implica constante bem-estar individual e familiar, que por sua vez conduzem a uma eficiência de produção, na qual a arte pode novamente vitalizar e orquestrar as indústrias. Isso não é “meramente utópico”, embora francamente Eutópico. Nas questões sociais, como nos campos mais simples da ciência, a partir de dados pesquisados e interpretados que chegamos às nossas idéias gerais sobre a direção da Evolução, e até as ampliamos, desde que possamos melhorar uma produção, a partir da seleção dos melhores frutos anteriormente produzidos. Além disso, o livro faz um apelo ao planejador urbano profissional, embora este já esteja ciente dos fatos nele apontados.

Já que não devemos começar, muito prosaicamente, pelo princípio ali definido, como muitos o fazem, pelos fundamentos relativos às comunicações, e depois indicar as qualidades estéticas de perspectiva e todo o resto; mas, acima de tudo, procurar entrar no espírito de nossa cidade, sua essência histórica e a vida rotineira. Assim, o nosso projeto vai expressar, estimular e desenvolver todo seu potencial, e vamos trabalhar efetivamente com suas necessidades fundamentais e materiais. Não podemos pesquisar e interpretar, com perfeição, a cidade que vamos planejar — faça um levantamento do que há de mais importante no seu passado, no seu presente e, acima de tudo, já que o planejamento é o problema, faça previsões para o seu futuro. Seu caráter social, sua alma coletiva, de certa forma percebidos e compreendidos, o dinamismo de sua vida diária pode ser mais bem-traçado, e sua eficiência econômica mais vigorosamente estimulada. Com a vida e as energias sociais renovadas por dentro, e a melhoria de condição de vida do povo tida como objetivo claro, a circulação interna e as comunicações externas tornar-se-ão mais fáceis, e estaremos mais seguros do que antes a respeito da eficiência construtiva e do efeito artístico; pois as considerações sociais devem iluminar e controlar as considerações geográficas, reciprocamente. O idealismo e a realidade não estão afastados, são inseparáveis; assim como nossa caminhada diária, guiada por ideais de direção inatingíveis, além das estrelas, e, contudo, indispensável para irmos a qualquer parte, exceto à derrota. A Eutopia, então, está na cidade ao nosso redor, e ela deve

ser planejada e realizada, aqui ou em qualquer parte, por nós, como cidadãos — tanto da cidade real quanto da cidade ideal, vistas cada vez mais como uma só. O leitor observará que o livro foi composto antes da guerra (1914-1918), mas nem uma frase ou palavra foi alterada, acrescentando-se somente o parecer final, uma vez que as principais teses do livro e suas apreciações e críticas das cidades alemãs não foram atingidas por essa alteração nos acontecimentos. A Mostra de Planejamento Urbano, de que tanto se fala nas páginas seguintes, teve sua participação na História Urbanística que ilustrou, pela sua total destruição pelo vigilante e empreendedor Emden; não obstante, está em processo de renovação.

Patrick Geddes, 1915.

1

CIDADES EM EVOLUÇÃO

A evolução das cidades abordada aqui, não como uma exposição de suas origens, mas como um estudo dentro da evolução social contemporânea, uma pesquisa das tendências em evolução.

Vamos proceder ao estudo das cidades, pesquisar sua evolução, começando (como os estudiosos de cidades americanas preferem fazer) por suas linhas modernas, como se apresentam aos nossos olhos? Ou vamos seguir o método histórico e desenvolvimentista, apelo natural que nos fazem tantas cidades européias? Ou ambas as coisas; e, nesse caso, em que ordem, em que proporção? E, além do passado e do presente, não devemos procurar o futuro de nossas cidades? O estudo da evolução humana não é simplesmente um retrospecto das origens no passado. Isso nada mais é do que uma paleontologia do homem — sua Arqueologia e História. Também não é a análise dos processos sociais atuais, no presente; essa fisiologia do homem social — ou deveria ser — Economia. Além da primeira pergunta *De onde?* — De onde vieram as coisas? — e da segunda, *Como?* — Como eles

vivem e trabalham? —, o evolucionista deve colocar uma terceira. Não *O que mais?* — como se alguma coisa estivesse para vir —, mas, antes, *Para onde?*, porque é da própria essência do conceito de evolução — embora seja difícil compreendê-lo, e mais difícil ainda aplicá-lo — que não se deve apenas perguntar como o presente pôde ter vindo do passado, mas antever e preparar o futuro, agora mesmo, no prenúncio de seu nascimento. Isso é difícil, claro — tão difícil quanto remontarmos ao passado, para perguntar sobre as condições presentes e as anteriores também; e com o precedente de que nesses questionamentos, embora necessários e fascinantes, toda uma geração de especialistas — desde que a teoria da evolução se impôs — não conseguiu retornar a seu objetivo principal: o discernimento da tendência atual, em meio às fantasias aparentes de mudança. Em resumo, decifrar as origens das cidades no passado e deslindar seu processo de vida no presente não são apenas pesquisas atraentes e legítimas, mas indispensáveis para o estudante de urbanismo — quer em visita a cidades cosmopolitas que ele procura interpretar, quer na situação tranqüila de estar sentado em sua casa, olhando pela janela. Mas, assim como o agricultor — que, além de seu interesse pela procedência e atuais condições de seus rebanhos e plantações, não deve, sob pena de ir à falência, descuidar dos preparativos para a próxima estação, mas valorizar esses estudos, pois pode vir a aplicá-los devidamente —, assim também o cidadão deve atuar. Para ele, mais do que para ninguém, a evolução é clara e se processa rapidamente, ela é especialmente evidente e misteriosa. Os edifícios de sua cidade são como numerosos teares, cada um com sua urdidura peculiar, sua cambiante trama de vida. As formas aqui parecem simples, ali intrincadas, muitas vezes confusas, além de nossa capacidade para deslindá-las, e assim, no dia-a-dia, quando as observamos, como se, de repente, começassem a mudar. Mas não, essas mesmas tramas são de novo apanhadas para servir de fios outra vez, em novas, imensas, combinações. Contudo, nesse labirinto de complexidade urbana, não há meros espectadores. Cegos ou não, criativos ou desatentos, alegres ou relutantes, cada um ainda deve tecer, a contento ou não, por bem ou por mal, toda a trama de sua vida.

Dificuldades de abordagem dos estudos urbanos e da melhoria das cidades. Exemplos para atrair a atenção do antiquário e do artista, do construtor, da dona de casa, do artesão etc.

Nossa tarefa torna-se difícil pela imensidão do material disponível. O que se tem a dizer das cidades em geral, se seu guia de Roma, Paris ou Londres é um volume apinhado e com letras miúdas? Se as vitrines das livrarias brilham com tantos volumes ricamente ilustrados, um para cada cidade? E se esses livros que não passam de introduções a uma vasta literatura especializada? Assim, tomando como exemplo uma das menores cidades históricas — conhecida por poucos na Inglaterra, e por menor número na América, exceto estar ligada à conhecida generosidade de um de seus filhos, desde cedo imerso em suas tradições de patriotismo e de literatura — a valiosa "Bibliografia de Dunfermline", de Mr. Erskine Beveridge, ocupa nada menos que duas páginas impressas em caracteres apertados. Cada especialista, e também cada leitor comum tem seu interesse limitado a seu campo de experiência. Se queremos interessar o antiquário ou o turista, devemos nos colocar em seu ponto de vista; por exemplo, mostrar-lhes exatamente como uma de suas favoritas cidades-catedral — a notável Salisbury, de preferência — foi planejada. Em 1220, quando seu bispo saiu de Old Sarum, orientou seus fiéis dentro de sua concepção de uma verdadeira cidade-jardim; assim, Salisbury, na sua origem, há seis séculos, era como os subúrbios de Letchworth ou Hampstead, hoje (1910), na concepção de suas casas. Na verdade, seus arquitetos seriam os primeiros a reconhecer que Salisbury tinha as vantagens de maiores espaços ajardinados, dos cursos d'água cortando as ruas, sem falar da grande catedral erguendo-se em seu amplo espaço fechado. Assim motivado, o antiquário é o homem indicado para nos guiar, detectando como as atuais quadras densamente habitadas e os cortiços desprovidos de jardins de Salisbury vieram, sem sombra de dúvida (e relativamente tarde), da deterioração de velhas casas ajardinadas, uma após a outra. Ele redescobre, em detalhes, como, curiosamente, o planejamento urbano medieval, assim recuperado, antecipa o das nossas Cidades-Jardim; importando-se ou não em renovar essas coisas, ele pode, em um segundo momento, ajudar-nos em casos mais difíceis, até com o mais difícil de todos — a Velha Edimburgo, a mais superpovoada e deteriorada de todas as cidades do mundo, contudo com seu passado ainda a salvo, e conseqüentemente

uma das cidades mais ricamente instrutivas, mais sugestivas para o observador curioso e para o estudante de História. Aqui está o estímulo para uma releitura do romance histórico de Scott e, em seguida, a interpretação tragicômica de seu significado por Carlyle; aqui está a pintura descritiva de uma página finamente elaborada de Robert Louis Stevenson; e agora (1910), fazendo juz a um maior apelo científico, o centro natural para as primeiras diligências britânicas promotoras da inauguração de uma escola de sociologia, com suas teorias próprias, e uma escola de estudos sociais, com suas pesquisas e interpretações. O pintor, de início, vai ter dificuldade para se relacionar com essa cidade, porque mal começou a sonhar quantos novos temas para sua arte o futuro lhe está preparando aqui, quando as avenidas ajardinadas dos subúrbios já estiverem desenvolvidas e os telhados de seus chalés já ornados. Contudo, nós o atingiremos, também, na próxima primavera, quando nossos quintais apresentarem suas primeiras floradas e as crianças estiverem brincando por aí. O construtor, mais uma vez, ansioso por erguer seus chalés, se impacienta com nossos sonhos urbanos e não vai prestar atenção a mapas e cartas antigos, com seus templos e catedrais. E, de certa forma, ele está destinado a falhar, no que tange a templos, e mais ainda ao mundo de negócios, se pensarmos, em termos modernos, em um velho provérbio à relativa ocorrência de fracassos entre aqueles que não constroem movidos por um ideal.

Por outro lado, a dona de casa utilitária, movimentando-se em sua cozinha apertada e bem-estruturada, porém, muitas vezes, pequena e escura, mal pode acreditar quando lhe contamos que, no que agora são os cortiços da Velha Edimburgo, por exemplo, essa cozinha estava situada no vestíbulo ou em balcão coberto, mas aberto, no primeiro andar; e só se convencerá quando se defrontar com a evidência histórica e seus remanescentes. Mesmo assim, o hábito é tão forte que ela provavelmente vai optar por suas arrumações costumeiras; de qualquer forma, até que decida em contrário, ela e sua criada estarão à beira de uma tuberculose por falta dessa concepção medieval de ar livre circundante. Seu marido, o qualificado artesão com emprego fixo, ganhando mais e trabalhando menos do que seu rival europeu, vai se espantar quando lhe disserem que se vive muito melhor em várias cidades operárias alemãs; ou, se ele fosse um mecânico em Marselha ou Nîmes, ou em outras cidades francesas, todos os finais de semana, no verão, ele poderia sair com sua família, gozar sua pequena propriedade no campo — cuidando de suas vinhas, ou descansando debaixo das figueiras.

Correções oportunas das idéias populares a respeito de cidades medievais.

Terminemos essa correção preliminar das crenças populares, como começamos. O rico e o pobre, o conservador e o liberal, o radical e o socialista, todos da mesma forma se espantam quando lhes mostram velhos mapas e ilustrações porque durante toda sua vida estiveram acostumados a ouvir e a repetir sobre a pobreza, a miséria e a degradação da vida urbana na Idade Média, e de como houve progresso, sob todos os aspectos, de lá para cá. Ora, em qualquer biblioteca pública, é fácil encontrar os documentos antigos, assim como em quase todas as cidades o que restou de significativo, provando que em várias cidades medievais os mercados e os lugares públicos ocupavam grandes espaços, seus jardins eram amplos e suas vias públicas, magníficas. O que temos para censurar nessas cidades — especialmente nos dias de hoje — foi introduzido nos séculos subsequentes à Idade Média, lembrando que o pior prejuízo ocorreu no período industrial. Se for necessário um exemplo concreto, nada mais dramático e acabado do que o caso da *Historic Mile* da Velha Edimburgo e principalmente sua antiga High Street, de onde estou redigindo neste momento. Porque, como indicamos acima, esse amontoado que sobreviveu ao período medieval e renascentista, ainda o mais sujo conglomerado, na área mais superpovoada do velho mundo; mesmo no novo mundo, onde sua nefasta preeminência só encontra rival nos bairros de imigrantes de Nova York ou Chicago. Contudo, nosso “Levantamento Urbano de Edimburgo” mostrou esses males como sendo eminentemente modernos, e que o planejamento urbano do século XIII — não só relativamente, mas positivamente — foi concebido em um traçado, a seu modo, mais espaçoso do que o elaborado para “New Town” e sua famosa moderna avenida Princes Street. Aristóteles — o fundador dos estudos urbanos e de tantos outros — insistiu sabiamente na importância, não somente de se comparar as estruturas urbanas (como ele fez com 163 cidades), mas de ver nossa cidade com nossos próprios olhos. Ele insistia para que nossa visão fosse realmente simpática, uma palavra que não tinha se tornado abstrata, mas era bem concreta, como mostra sua elaboração: uma visão da cidade como um todo; como Atenas vista de sua acrópole, como cidade e acrópole juntas — a verdadeira Atenas — de Licabeto e do Pireu, do alto da colina e do mar. Amplas visões no abstrato, Aristóteles o sabia e assim resumia sua opinião, dependem de amplas visões no concreto. A fraqueza de Aristóteles foi não fundamentar tais

visões, o que sempre arruinou o filósofo e fez dele, embora tivesse maravilhosa capacidade de abstração, um sofista, apesar de Aristóteles; um escolástico, apesar de Alberto Magno; e um pedante, apesar de Bacon. Assim também ocorreu em épocas posteriores; e com resultados nefastos para as ciências Políticas e, conseqüentemente, para as cidades. Por isso os legisladores da Revolução Francesa, ou da maioria dos Estados Modernos, mostram-se tão abstratos, apesar da *Enciclopédia* de Diderot, do *Espírito das leis* de Montesquieu, ambos dotados de grande poder de observação (1760). Daí, também, o longo desvio da economia Política para uma ciência sombria, embora tenha se projetado concretamente, primeiramente ao generalizar a substancial experiência agrícola de Du Quesnay na França, e depois modificada pelas impressões sinópticas urbanísticas de Adam Smith. Porque, como as excursões de campo da Escola de Sociologia da nossa Edimburgo costumam verificar, a maior parte de sua vida e sua obra abstrata foram, antes de mais nada, o crescimento e a assimilação poderosa de suas próprias observações — somente na maturidade, em Glasgow, mas na sua infância e juventude. Para se perceber a vantagem, como meio de riqueza, as manufaturas, da remessa de mercadorias, do comércio exterior — sobre o que Smith insistia tanto — sobre a agricultura, nada melhor do que um giro pelas agitadas cidadezinhas mercantes, que se alinham no litoral de Fife, como Kirkcaldy, Dysart e outras.

Porque na época de Smith, embora não mais em nossos dias, Fife era "um manto de mendigo com uma fímbria de ouro", como o rei James VI e I dizia, com muita perspicácia e graça, cinco ou seis gerações anteriores, e, exatamente, com a mesma percepção econômica.

Defeitos da educação moderna ao retardar a evolução da Política abstrata para a educação democrática concreta.

Nossa educação passada foi tão livresca, tão fechada nossa didática escolar dos "três R"* e também tão longa a nossa permanência nessa estrutura, que nove entre dez pessoas, talvez até mais, compreendem melhor gravuras do que quadros, e estes melhor do que a realidade. Assim, considerando algumas das belas cidades remanes-

* *Reading, 'riting and 'rithmetic* — Ler, escrever e contar. (N.E.)

centes das Ilhas Britânicas, e suas igualmente belas vias públicas — por exemplo, a High Street de Edimburgo —, alguns cartões-postais de bom gosto produzirão mais efeito sobre a maioria das pessoas do que a visão real de sua monumental beleza — lá, universidades e igrejas, aqui, palácio, castelo e a *city's crown*. Desde que nos tornamos meio cegos para a beleza dessas ruas, e para seus melhores elementos de vida e tradição, também o somos para sua decadência; especialmente quando elas encarnam a fossilização da educação e da religião, e não simplesmente os fenômenos de decadência ativa, como em algumas velhas cidades intimamente ligadas à cultura.

E isso nós percebemos melhor pelas informações jornalísticas do que pela própria miséria caótica diante de nossos olhos abertos. Felizmente, uma visão regional da ciência está começando a reagir contra essa cegueira artificial. O naturalista-de-campo já trabalha nessa direção. Igualmente o fotógrafo, o pintor, o arquiteto; seu público segue suas idéias, e começa, por sua vez, a liderar. Mesmo os jogos ao ar livre têm sido fechados e subjetivos: apenas recentemente vimos os campistas atuando; hoje (1910), os escoteiros estão no exterior; amanhã, nossos jovens aviadores estarão reconhecendo a visão sinóptica.

Assim, a educação, em todos os níveis, começa a eliminar aqueles faróis pisca-pisca dos impressores tipográficos, que durante tanto tempo ofuscaram nossos olhos. Quase nenhuma informação sobre as cidades conseguimos tirar de seus moradores, sejam elas cidades grandes ou pequenas. Raramente sabem quem são seus governantes, ou se sabem, é comum ironizá-los; se bem que esses geralmente são melhores cidadãos do que seus eleitores. A História de sua própria cidade foi esquecida e suas escolas, pelo menos até pouco tempo, eram os últimos redutos de informação. Aliás, até desejam esquecer: parece-lhes coisa de somenos importância para despertar seu interesse, quando têm seus afazeres.

A ironia do político superficial deixou seu lastro de morte das Shetland à Cornualha; o que teria sido a nata de seus habitantes, há muito tempo parece imiscuir-se com o "gás e o esgoto" locais. Mesmo os jovens intelectuais, homens e mulheres, em cada faixa social — com exceções, claro, agora cada vez mais raras — não são propriamente cidadãos no seu modo de pensar e no seu agir. Se não estão absorvidos pelos partidos políticos, é mais comum pensarem em ocupar cargos administrativos, e o funcionalismo público estadual é mais atrativo do que o municipal; o "serviço público" é familiar a todos eles, mas

serviço urbano, uma frase raramente ouvida, e ambição mais rara ainda. Eles se metem a economistas políticos?

Em todos os grupos e partidos encontram-se essas mentes cheias de abstrações e sublimações, e podem ser diagnosticados não pelas suas posições partidárias amplamente distintas, mas por sua comum ausência de idéias em assuntos urbanos.

2

MAPA DEMOGRÁFICO E CONURBAÇÕES

O mapa demográfico e a sua utilidade. Londres ("a Grande Londres") como um recife de coral humano, em expansão.

O que nos mostra um mapa demográfico? Partindo do mais geral, antes de chegar ao que é menos familiar, observe a planta de Londres — a cidade aqui é apresentada como a Grande Londres —, com sua imensa população se estendendo em todas as direções — leste, oeste, norte e sul —, inundando todos os níveis, passando pelo vale principal do Tâmis e pelos menores, até inundá-los; essa cidade populosa e escura, na sua expansão, deixa apenas as marcas avançadas de terreno elevado. Eis uma descrição bem precisa do crescimento da Grande Londres (ver mapa na página).

Esse polvo, ou melhor, esse pólipó que é Londres, é algo bastante curioso, um enorme crescimento irregular, sem precedente no mundo — à semelhança, talvez, dos prolongamentos de um grande recife de coral: esqueleto de pedra, pólipos vivos —, um recife humano, se quiser. E ele avança, timidamente, a princípio; os matizes pálidos crescendo mais que os outros, mas os matizes mais densos, em maior número,

pensar, ou pela casualidade, desses aglomerados industriais modernos que, em termos de simples magnitude chamamos cidades — os noruegueses estão entrando em um desenvolvimento de cidades-cultura que, em termos de qualidade de vida e de civilização, estão à frente das nossas, embora haja exemplos comparativamente favoráveis.

Alguns anos atrás, um morador de Edimburgo poderia dizer ao outro: "Há mais música e mais ciência na pequena Bergen do que na grande Edimburgo." E agora, Grieg e Nansen são conhecidas ao longo da seqüência de vilas e cidadezinhas, com suas luzes elétricas brilhando à noite, descendo de Tromsø, e voltando a Cristiânia. Na verdade, também houve uma época em que nossos cantores e pensadores escoceses eram conhecidos em seu país e fora dele, mas isso foi uma época de comparativa pobreza, antes desses dias de "negócios" e "educação", agora igualmente tão ilusórios em suas estimativas numéricas.

Em resumo, as guerras não são essenciais para a natureza da sociedade, como muitos crêem hoje; mesmo quando ocorrem, são mais uma questão de grandes batalhas.

Sem entrar em detalhe nos fatores sociais da guerra, o que transformaria esses poucos parágrafos em um volume, é suficiente insistirmos na tese desse capítulo: atualmente, a nossa luta essencial pela existência pede um ponto de vista diferente e mais amplo do que o dos militaristas sobre o mesmo assunto.

Contudo, vamos dar um voto de crédito aos militaristas, pela sua capacidade de confiança em relação à experiência e invenção Neotécnica, e pelo espírito de sacrifício que emprestaram ao bem-estar social; mas é preciso também perceber que, atualmente, a principal luta pela existência não está com as armadas e os exércitos, mas é travada entre as ordens Paleotécnica e Neotécnica. E isso não só em relação à nossa produtividade industrial, sobre a qual alguns, justiça seja feita, ainda insistem, mas muito mais em relação à nossa vida urbana e rural.

Colocando mais claramente, quando reconstruirmos nossas cidades tão bem quanto nossas armadas, quando modernizarmos nossas universidades e faculdades, nossos institutos culturais e escolas como temos procurado fazer com nossos navios de guerra, haverá menos pavor da guerra e maior segurança quanto à sobrevivência, em qualquer situação. E, inversamente, falhando essa necessária elevação do nosso nível geral de civilização, cada peso adicional da armadura, pode levá-la ao fundo.

5

CAMINHOS PARA A CIDADE NEOTÉCNICA

A transição da Paleotécnica para a Neotécnica está no atual progresso; contudo, há necessidade de enfatizar esses dois tipos de evolução como Inferno e Eutopia, respectivamente.

No capítulo 2, enfocamos nossos imensos grupos urbanos das regiões carboníferas, nossas conurbações, como dentro de um processo de crescimento indefinido. Enquanto no capítulo seguinte, indicamos a ameaçadora usurpação da nossa pequena indústria e da vida mais simples de nossas terras, não somente pelo esgotamento interno das regiões carboníferas, ou pela competição em níveis mais baixos, mas, sobretudo, pela competição em um nível mais alto — o da ordem Neotécnica, agora claramente surgindo em outros países, sendo a Noruega o melhor exemplo, porque aí não há desenvolvimento Paleotécnico.

Contudo, como já foi indicado, e como o leitor deve ter sentido, essa ordem Neotécnica está aberta para nós também; não foi pequena a nossa participação em iniciá-la. Onde se processaria esse avanço a não ser em um país, um dos melhores situados, de carvão ainda barato

e abundante, de fácil comunicação, de população numerosa e trabalhadora? Sem falar dos recursos ainda no começo, como cursos d'água e turfeiras, ou daqueles ainda intocados, como os ventos e as marés. Cada inventor está ocupado com sua parte nessa tarefa complexa e a integração desse progresso é um aspecto importante do movimento urbano.

Considerando que as cidades ainda estão em transição, é necessária a defesa desse duplo presságio, dessa marcada bifurcação do caminho da evolução — industrial, social e urbana? Nossa visão geral da cidade Paleotécnica tem sido cor-de-rosa; ainda há muito para ser dito. Seus males — mostrados nas colunas de jornais, em suas novelas realistas e no seu teatro — são vistos como normais, inerentes ao seu nível industrial e comercial, e enquanto persistirem, são irremovíveis, quer pelas autoridades ou pelos altruístas que, da mesma forma, põem cataplasmas nos sintomas.

Embora pareça, essa visão não é pessimista; ela é realista, está na ordem da Natureza que, aviltada em suas funções, em condições precárias, leva-nos a adoecer. Mas, à medida que melhoramos de saúde e fortalecemos as funções, a Natureza nos dá, deve nos dar, saúde e beleza renovadas — e, renovando, ela pode superar todos os recordes do passado.

A ordem Paleotécnica deveria ser vista e mostrada no que tem de pior: desperdiçando recursos e energias, desvalorizando a vida, sob a égide da máquina e do dinheiro, planejando de acordo com seus resultados específicos, revertendo em desemprego e mau emprego, em doença e loucura, em vício e apatia, em indolência e crime. Todas essas coisas não devem ser tratadas separadamente, como pretendem nossos tratamentos especializados, porque têm uma ligação lógica, inseparável, como os sintomas de uma doença; são planejadas, numa seqüência de lances, sobre o tabuleiro de xadrez da vida. E acabam sendo localizadas nos quadrados do tabuleiro de um planejamento urbano, o que torna evidente seu verdadeiro inferno.

Contudo, com o desenvolvimento contrastante da vida normal, aparecem também lances contínuos de ascensão, desenvolvimento urbano claro e definido. Assim, nossos planejamentos urbanos não são apenas mapas, mas também símbolos, uma notação de pensamento que pode concretamente nos ajudar para a melhoria das cidades do

presente, e assim nos prepara para as cidades mais dignas de um futuro não necessariamente distante.

Necessidade de concepções ideais para cada ciência; portanto necessidade de um Paraíso e um Inferno para a sociologia e a educação democrática (*civics*) e para a teologia e a psicologia.

Cada uma dessas cidades é um sonho lógico: a cidade não é tão má quanto o seu Inferno, nem vai ser tão boa quanto a sua Utopia. Até aqui tudo bem. Cada ciência trabalha com conceitos ideais, como o zero e o infinito do matemático, como as direções — norte, sul, leste e oeste — do geógrafo, e não podem viver sem esses conceitos. É verdade, o avanço do matemático para o infinito nunca atinge o seu alvo, nem as explorações do geógrafo, nem a pesquisa do astrônomo. Contudo, sem essas direções inatingíveis, esses pontos cardeais, quem poderia se movimentar, sem acabar caindo em um buraco? Assim, antes que nos percamos, ou na escuridão do Inferno Paleotécnico, ou diante da Eutopia Neotécnica da cidade do futuro, esses extremos nos permitem medir e criticar a cidade do presente, e promover sua melhoria, sua renovação essencial.

O embelezamento das cidades não é um simples interesse sentimental: o fator estético é reconhecido na guerra e na medicina como um sintoma de eficiência e saúde, e como uma ajuda para elas.

Agora, quanto ao Embelezamento das Cidades. Aqueles que se definem como "práticos", para manter essa qualidade, costumam taxar de "impraticáveis" os progressos das artes e da ciência que eles ainda não reconheceram, ou que tendem a perturbar as convenções do sistema de trabalho Paleotécnico. Sobre nós, planejadores urbanos e restauradores de cidades, assim se expressam: "Todos esses embelezamentos só servem para cidades européias, afinal não passam de simples luxo, e não valem a pena", e assim por diante.

Agora, se alguém com essa mentalidade levar em conta o argumento dessas páginas, verá que nosso objetivo é muito diferente do que ele imagina — não é embelezamento e nem mesmo arquitetura,

embora ela seja a soberana das artes —, mas o que os homens práticos — homens de negócio, políticos, militares — consideram de grande praticidade: isto é, a sua sobrevivência, ao mesmo tempo local e regional, nacional e imperial, na presente e intensa luta pela existência, e isso em competição com outros países.

O leitor prático também pensará que tudo isso está sendo discutido sem maiores referências às considerações estéticas, não mais do que elas poderiam receber no Ministério da Guerra ou no Posto de Saúde mais próximo. A grande diferença é que, na realidade severa desses ambientes, eles sabem muito bem o significado de limpeza, ordem, aparência. Eles sabem que esses são os melhores e mais óbvios dos sintomas, a expressão de saúde e bem-estar, tanto para a criança como para um regimento, para uma casa ou para uma cidade; coisa que o nosso mundo industrial e comercial não percebe, nem os seus economistas tradicionais, com exceções muito raras, individuais.

Esses indivíduos, pioneiros da incipiente ordem Neotécnica, não são reconhecidos como tais pelo homem prático, que costuma dizer: "Ah, tudo bem para eles. Eles merecem!" Desse modo, ele se esquece que o senso de ordem e eficiência desses indivíduos, seu desejo da conveniência e decência, e a divulgação que fazem disso em suas empresas e através daqueles que aí atuam, são fatores vitais da sua superioridade; fatores graças aos quais se notabilizou o sucesso empresarial deles sobre aquele competidor mais "prático", o que, em questão de história contemporânea, pode ser muito bem explicado.

Os poucos industrialistas do Continente, como Godin em Guise, Krupp na Alemanha, Van Marden na Holanda; da América, como Patterson ou Fels; da Inglaterra, como Lever, Cadbury, e Rowntree — que têm feito muito pelos seus trabalhadores, também muito têm recebido em troca, da parte deles, como bem mostra sua superioridade, tanto em eficiência de produção, como nas fortunas advindas. Há muito tempo se ouve dizer que, para obter o máximo rendimento de um cavalo, não se deve descuidar de sua alimentação. O mesmo, em tempos recentes, foi descoberto para obter rendimento do soldado, do marinheiro, e até do marinheiro mercante deprimido. Assim, por que o mundo Paleotécnico seria tão lento para aprender essa lição, e tão leal, tão sentimentalmente sacrificado às suas superstições econômicas, a ponto de deixar que os aplicadores Neotécnicos façam fortunas, sem a sua participação?

Ninguém nega que o mundo militar sempre conheceu o valor dos apelos estéticos, dos mais variados tipos, como um meio de aumentar seu contingente e sua eficiência. Mas é um desastre de nossa indústria moderna, isto é, Paleotécnica, que os nossos homens práticos sejam tão cegos para essas considerações, e que se orgulhem de suas limitações.

O que ainda não perceberam é que sua filosofia, quando pesada na balança da ciência, é considerada futilitária, ou coisa pior. Para o físico, seu "desenvolvimento de recursos", seu "progresso de um distrito" é a dissipação esbanjadora das energias da Natureza; para o biólogo e o médico, os altos números que eles alardeiam como "progresso da população" significam uma deterioração e não uma evolução progressiva. As críticas mais severas não vêm de médicos ou da saúde pública. O sociólogo, como historiador, ainda tem muito a explicar sobre o homem prático. Ele deve analisar os diversos fatores que levaram à sua conceituação filosófica — o camponês erradicado, o agricultor mecanizado, ambos mal-alimentados, inclusive em relação ao essencial, e, ainda mais, carentes dos bens vitais; o puritano amargurado e frustrado, degenerando-se em fanático avarento; o político revolucionário e radical, fossilizando-se como doutrinário.

As limitações da crítica "romântica" do passado às cidades Paleotécnicas devem ser evitadas.

A beleza, da natureza ou da arte, há muito tempo não tem sido defendida contra a nuvem de fumaça, o ruído da máquina e o progresso sujo da indústria Paleotécnica. Não obstante terem surgido defensores eminentes pela sua inteligência, notadamente, Carlyle, Ruskin, Morris e seus numerosos discípulos, contudo foram prodigamente românticos — corretos por estarem guardando a herança mundial do passado, no entanto, errados por sua teimosia e recusa apaixonada em ouvir os clamores e necessidades do homem atual em face de sua vida, de seu trabalho, e de suas faculdades. Assim, acabaram provocando sobre eles mesmos o revide selvagem, o grito de guerra "Ora! Sentimento!", com o qual o pretense utilitarista aumentou seu descuido pela natureza e vulgarizou sua insensibilidade pela arte.

Muitas vezes os românticos foram tão cegos em sua justa ira, como foram os utilitaristas mecânicos em seu pesado trabalho, em sua estúpida satisfação em executá-lo. Ambos falharam, não vendo, para

além do presente inculto, melhores dias num futuro que se abre — deixando para trás seu primeiro aprendizado informe e turbulento, um início sujo e imprevidente — para o avanço das ciências físicas aplicadas, gerando aprimoramento das habilidades, superioridade econômica das energias naturais, complementadas pelo progresso das ciências orgânicas, com seus novos critérios de avaliação da vida orgânica e humana.

A limpeza da cidade: começando pelas áreas de fornecimento de água da montanha e dos terrenos pantanosos (*moorland*).

Desprezado pelos nossos predecessores da Era Industrial, e raramente percebido por nós, o conceito e ideal de Cidadania volta para nos oferecer um novo ponto de partida para reflexão e trabalho. É uma nova senha, mais precisa do que liberdade, saúde e poder, ciência e habilidade mecânica, que fascinaram nossos predecessores. De fato, ela supera todas essas, permitindo-nos retê-las e coordená-las com uma nova clareza em direção ao bem-estar comum.

Desse ponto de vista, o caso da conservação da Natureza e do acesso a ela deve ser colocado mais séria e energeticamente do que se costuma fazê-lo. Não somente reivindicados em alto e bom som por razões de prazer, recreação, repouso, mas retomados com insistência. Visando o quê? A manutenção e desenvolvimento da vida; da juventude, da saúde de todos, fundamento do utilitarismo; e mais, a elevação da vida mental da juventude, a sua preservação com o decorrer dos anos, suposto objetivo de um utilitarismo mais elevado e primeira condição de seu progresso contínuo para o iluminismo.

No início (capítulo 2), vimos a necessidade de proteger, mesmo que fosse só pela necessidade essencial de suprimento de água pura, o que resta das montanhas e terrenos pantanosos (*moorlands*) entre as cidades de rápido desenvolvimento e as conurbações das regiões industriais modernas — Lancashire e Yorkshire, por exemplo, assim como Glasgow e o distrito em torno de Loch Katrine.

Obviamente, o higienista do fornecimento de água é o verdadeiro utilitarista, e por isso mesmo, antes do despertar da nossa consciência de cidadania, ele tem autoridade sobre todos os utilitaristas menores, cada um dotado de atribuição menor e maior visão local

— engenharia mecânica e química, industrial e financeira — e, até agora, vem coordenando todos eles nesse serviço público.

Mas, com a preservação das montanhas e dos terrenos pantanosos (*moorlands*), vem a necessidade a seu acesso: necessidade de saúde física e mental. A saúde sem as alegrias da vida — das quais o acesso à natureza é o primordial — não passa de aborrecimento; e isso conduziria a doenças insidiosas. Junto com a preservação, vem a cultura de áreas florestais: não o simples plantio de árvores, mas a silvicultura, a arboricultura e a formação de parques, que é a sua maior e mais bela forma.

Essa visão sinóptica da Natureza, essa conservação construtiva de sua ordem e beleza, visando a saúde das cidades e a felicidade simples e viva de seus turistas (a quem a cidadania vai sabiamente educar pela aceitação e nunca pela exclusão), é mais do que engenharia: é uma obra de arte; maior do que a do planejamento de ruas, é a prática do paisagismo; e assim, ela se integra ao planejamento urbano.

Extensões urbanas naturalmente levam a inúmeras vias públicas. Podemos evitar que venham a se unir colocando escolas, *playgrounds* e lotes nas áreas baldias, não construídas. Oportunidades válidas de atividade para a juventude e para o desenvolvimento da cidadania.

Crianças, mulheres e trabalhadores urbanos raramente têm acesso ao campo. Por isso, como higienistas e utilitaristas, vamos levar o campo até eles. Enquanto nossos amigos planejadores urbanos e engenheiros civis estão acumulando ruas e subúrbios, compete a nós chegar e “mostrar a primazia do campo sobre a cidade, e não simplesmente o inverso”.

Para todas as vias públicas fora da cidade (no futuro, esperamos, se tornem amplas avenidas arborizadas) e em torno de cada estação ferroviária suburbana, o planejador urbano vai projetar sua vila-jardim, com sua individualidade própria e muito charme; no entanto nós, com nossa perspectiva contrária, vindo do campo para a cidade, devemos fazer com que esses grandes subúrbios não mais se unam, como ocorreu no passado. As cidades devem parar de se espalhar como ocorre com as manchas de tinta ou de gordura; em pleno desenvolvimento, elas vão

repetir o desabrochar em forma de estrela da flor, com folhas verdes dispostas em alternância com seus raios dourados.

Os parques públicos, que estão entre os melhores monumentos e legados das municipalidades do século XIX — valiosos, úteis e belos — foram muito influenciados pelo conceito comum entre os prósperos vereadores que os adquiriam e assumiam como parques de mansões, bem cercados e fechados, mantendo-os afastados do mundo vulgar. Contudo, seu traçado manteve a tradição das mansões abertas, às quais era permitido o acesso popular, nos feriados, como gentileza; e onde as mocinhas podiam se sentar na grama. E os rapazes? Era-lhes permitido jogar críquete, ou ter um espaço para o futebol, mas de qualquer forma, eram ciosamente observados, como selvagens em potencial, que ao menor sinal de suas atividades normais, como construir cabanas indígenas, cavar tocas, represar correntes d'água etc, deveriam ser imediatamente expulsos, e felizes por não terem sido entregues à polícia.

Se esse escritor aprendeu alguma coisa sobre a vida inteiramente devotada ao estudo da natureza e da educação, é que educação e natureza devem estar integradas através de atividades naturais. Mas, embora não haja nada mais importante, quer para o futuro da indústria, quer para a preservação do Estado, do que o vigor físico e a atividade guiados pela inteligência lúcida — não temos feito outra coisa a não ser destruir suas sementes, pela sistemática repressão “policial”, tanto na escola como fora dela, destruindo as sementes dos instintos naturais de auto-educação para a vida, construídos em sua essencialidade e naturalidade, embora desajeitados e grosseiros, ou mesmo nocivos e destrutivos, quando simplesmente reprimidos, como aconteceu no passado e ainda hoje acontece.

É principalmente pela falta desse toque de experiência rústica de primeira mão que forçamos a energia jovem para o vandalismo; ou pior, para baixo desse nível. Ao mesmo tempo, o escotismo triunfalmente afirma que mesmo o jovem vândalo só necessita de um toque de responsabilidade ativa, para se tornar mais do que um Hermes acrescente-se a isso vigorosos trabalhos físicos, e faremos dele um verdadeiro Hércules.

Com o início da recuperação de nosso sistema escolar, até aqui tão livresco e fraco, naturalmente virá a construção de melhores escolas — ao ar livre, em sua maioria, e situadas à margem desses espaços

abertos. Depois, começam os loteamentos e os jardins, que todo aquele que faz melhorias em cidades sempre prevê — todo o complexo interligado por alamedas arborizadas e cercas vivas florescendo, convidativas para os passarinhos e namorados.

A manutenção de tudo isso pede um aumento oneroso de funcionários municipais. Deveria ser assumido pelas escolas em recuperação e escolas de aperfeiçoamento*, e pelas numerosas associações particulares. Que melhor oportunidade para um treino de cidadania ou chance de melhoria de saúde, do que participar da manutenção de nossos parques e jardins? No lugar de pagar altas contribuições para a manutenção de parques e escolas, deveríamos ingressar em um dos métodos de cidadania de então e de agora, e com isso poupar as taxas, pagando pelo menos essa taxa de nossa obrigação social, despendendo nosso tempo e serviço, e não o nosso dinheiro. Assim, também, estaremos abrindo nossos olhos, experimentalmente, para aquela substancial Reabsorção do Governo, que é uma reação natural à atual multiplicação do funcionalismo, sempre tão onerosa.

Há voluntários para a guerra e é estranho que não haja voluntários para a paz. Todo trabalhador urbano sabe que, com uma pequena informação judicial e arranjo, qualquer oportunidade tida como de interesse público, não é aceita por muito tempo, se apenas a sua liderança for concedida. Em breve, nossas atividades construtivas poderiam penetrar nas mais velhas cidades existentes, com energia hercúlea — limpando seus estábulos de Augias, de uma forma que os departamentos municipais de limpeza, responsáveis pelo tímido contribuinte, jamais ousaram fazer — chegar a um grau de limpeza e brancura lembrado, no futuro, pelas gerações bacteriologicamente bem informadas.

Limpeza dos bairros pobres: jardins pobres e criação de espaços abertos conforme as fábricas maiores se mudam para os arredores.

Mas, além dessa simples limpeza, necessitamos de energia destrutiva e construtiva. Não há lugar melhor para encontrarmos os menores espaços abertos e jardins populares da primeira década do

* Tipo de curso para pessoas que trabalhavam, similar ao atual supletivo. (N. E.)

século do que no próprio coração dos bairros pobres atuais. Na "Historic Mile" da Velha Edimburgo, o mais intrincado e populoso bairro pobre, o "Planejamento dos Espaços Abertos", da nossa comissão Outlook Tower, mostrou que havia nada menos que setenta e seis espaços abertos, com uma área total de dez acres, aguardando recuperação. Dessa área, uma apreciável proporção vinha sendo ajardinada, ano após ano — através de ações voluntárias, claro, sendo mais tarde aprovadas, e em muitos pontos assistidas, por repartições e funcionários públicos.

Com respeito a essa recuperação dos bairros pobres, nossos industrialistas e planejadores urbanos tiveram sua maior oportunidade. A grande e complicada confusão de oficinas, grandes e pequenas, que hoje, sem proveito algum, enche os quarteirões populares de nossas cidades, sugere, e futuramente retribuirá, uma ampla e cuidadosa medida de replanejamento.

Muitas de nossas grandes indústrias — fábricas, cervejarias etc., como a experiência mostra, em situações apropriadas, podem ser transferidas para o campo com grande vantagem, e assim deixar edifícios espaçosos, que podem ser rapidamente adaptados para a acomodação de indústrias menores. Isso liberaria as oficinas menores para demolição, os espaços abertos seriam vantajosos para a saúde, trariam felicidade para as crianças e, portanto, para a economia urbana e a produtividade, o que compensaria rapidamente a cidade por toda a transação. A despesa referente a isso poderia ser cobrada como amortização, durante a geração que começa agora.

Como exemplo concreto, vamos considerar o caso conhecido de West Princes Street Gardens de Edimburgo. Esses jardins ainda conservam o plano de seu primeiro proprietário; mas o plano da acima mencionada comissão para os espaços abertos de Edimburgo mostra como eles, uma vez que já se estendem ao redor do castelo, poderiam, em seguida, juntar-se a alguns dos nossos jardins pobres — assim trazendo a beleza pública ao coração da miséria particular.

As cavalariças também estão se tornando obsoletas, sendo muitas vezes utilizadas como garagens particulares, lojas, pequenas oficinas etc. Portanto, chegou a hora dos urbanistas voluntários. As garagens se prestam para concentração, e não dispersão; a iniciativa privada já está fornecendo instalações para isso, aqui e ali, embora ainda em pequena escala.

Além disso, o higienista demonstrou fartamente a insalubridade das cavalariças; e o correspondente agrupamento, em blocos definidos, de tais cavalariças, como será requerido, deveria ser defendido pelas autoridades municipais, já que grandes estábulos coletivos são muito mais fáceis, e baratos, de serem limpos e mantidos em ordem do que um grande número de estábulos pequenos e isolados.

Algumas das cavalariças existentes certamente propiciarão o agrupamento de oficinas e outros locais de trabalho, como já vem ocorrendo em certa medida; mas também a demolição de vários deles seria possível, com um aumento considerável dos espaços abertos necessários.

O desperdício de inúmeros quintais e gramados secos, que atualmente desfavorecem a parte posterior de nossos melhores quarteirões urbanos, poderia ser melhor conduzido; e quadriláteros ajardinados deveriam cada vez mais substituir os atuais labirintos esquálidos dos gramados desperdiçados, cortados pelos muros. Uma única *drying-house* central para cada quintal poderia ser providenciada, deixando todo o conjunto liberado para usos essenciais na cidade, uma anexação de muitos acres, e muito mais acessíveis e úteis do que os parques, devido ao seu uso diário pelas crianças e seus familiares e pelas diversas atividades nos jardins, tanto para os jovens, como para os adultos mais velhos.

Para obter essas mudanças menores, basta começá-las, e várias estão em andamento. Acima de tudo, essas iniciativas particulares quebram preconceitos e preparam o caminho para a reorganização municipal, o que a população de nossas cidades logo vai desejar. Quando esse desejo estiver maduro, não há o que temer: o povo vai querer pagar — isto é, trabalhar — para satisfazê-lo.

O tempo presente é feito de pequenas coisas: é preciso, em primeiro lugar, convencer os nossos concidadãos sobre a importância das iniciativas particulares. Mas, deixe que cada passo seja dado na municipalidade, em seus vários departamentos e também sem eles; utilize o mais que puder os poderes públicos, agilizando-os e utilizando precedentes, sempre que existirem.

O ESTUDO DAS CIDADES

Qual a melhor maneira de começar o estudo das cidades? Esforços pessoais do escritor e exemplos de como esclarecer a ciência renovada, *civics*.

Vimos que muitas pessoas, em todos os países, estão se familiarizando com a prática consciente da cidadania. De fato, desde os tempos dourados das cidades clássicas ou medievais, nunca houve tanto interesse, tão boa vontade, como agora. Então, com maior frequência, volta-se a perguntar, qual a melhor maneira de começar o estudo das cidades? Como organizar rapidamente em cada uma, em todas, entre nós mesmos, aqui e ali, um entendimento comum em relação aos métodos necessários para fazer observações ordenadas, comparações produtivas e generalizações seguras? É tempo dos sociólogos — isto é, de todos os que se importam com o progresso da ciência no mundo social — colocarem em ordem essas indagações, esses campos ilimitados do conhecimento.

O escritor não tem resposta cabalmente formulada, visto que suas próprias pesquisas ainda não estão concluídas, e não sendo um

burocrata, não tem o método pronto a ser imposto, nem pode formular a partir de outros; pode, isso sim, descrever sua própria experiência. O problema do estudo da cidade me preocupa há mais de trinta anos, na verdade, toda minha vida — fui um estudante andarilho — tem sido marcada por esforços incansáveis na busca dos segredos da evolução das cidades, na compreensão de formas de abordá-los e na sua descoberta. E, sem dúvida, os interesses e experiências desse escritor são também os de muitos outros.

A revolta dos amantes da natureza em relação à vida da cidade — embora fortalecida e ratificada, na juventude, pelo protesto dos românticos e dos moralistas, dos pintores e dos poetas — pode ser, mais cedo ou mais tarde, subjugada pelas atrações culturais e práticas que a vida da cidade exerce sobre as pessoas. Os estudos de economia e estatística, de história e de filosofia social, em muitas escolas, embora fascinantes por um período, acabam se tornando inadequados. Impõe-se uma fuga das bibliotecas e das salas de conferência, um retorno à observação direta; e, assim, as cidades de cultura histórica — clássicas, medievais, renascentistas —, com todos os seus tesouros do passado — museus, galerias, edifícios e monumentos —, aparecem para renovar sua exigência de um domínio da atenção, e para fornecer as normas do pensamento urbano.

Os pontos de vista da ciência contemporânea renovam sua esperança — as doutrinas da energética, as teorias da evolução, o avanço da psicologia, a luta para uma educação imprescindível, a renovação da ética — cada uma, a seu modo, pode parecer a pista mais segura para entender o labirinto da cidade. O geógrafo e o historiador, o economista e o esteta, o político e o filósofo, todos são guias; e de cada um se aprende muito, mas nunca o suficiente; às vezes, prevalece o otimista, mas muitas vezes o pessimista nos parece mais qualificado.

Como necessidade de coordenação de todas essas ciências, aparece o magnífico projeto de síntese da sociologia de Comte, ou o esforço evolucionário de Spencer, e com eles as Utopias históricas. Mas são construções por demais abstratas e carentes de aplicações concretas, quer quanto à interpretação das cidades, quer quanto à sua melhoria; e deficientes quanto à apreciação das complexas atividades urbanas. Daí, o fascínio que exercem os magníficos museus transitórios da indústria contemporânea, a que chamamos Mostras Locais e Internacionais, localizando-se em torno das Mostras de Paris em 1878, 1889 e 1900, com ricas exposições da produtividade material e artística

da época, em nível Paleotécnico e Neotécnico, em quase todos os seus subestágios e fases.

Retornando desse quadro, por um momento, parece-nos sentir o mundo centrado nas barulhentas fundições das indústrias européias e americanas, que exploram e dominam as cidades metropolitanas. Contudo, em um outro momento, o segredo evolucionário nos parece mais próximo, através do retorno à natureza; e procuramos a visão sinóptica da geografia — com Reclus —, ou das profissões elementares — com Le Play e Demolins, com seus solidários estudos sobre os povos simples —, e da aurora da indústria e da sociedade — com os antropólogos.

E, desse modo, retornamos, mais uma vez, à vida moderna, levados pela unidade e pelo orçamento familiar, e mesmo para um enfoque estatístico da vida moderna, retornamos a Booth e a Rowntree; para o estudo da pobreza, a Galton e aos eugenistas, e assim por diante. As idéias se acumulam e também as dificuldades de lidar com elas; porque, se abandonarmos qualquer aspecto ou elemento da vida da comunidade, ficamos vulneráveis à censura que nos taxará de incipientes simplificadores teóricos, julgamento que emprestamos aos economistas políticos.

A melhor forma de o homem aclarar suas próprias idéias é procurar comunicá-las aos outros: de fato, os professores devem a sua produtividade a esse exercício. Quase todos os escritores conhecem também essa experiência; e o pesquisador em sociologia e *civics* pode, mais corajosamente do que todos, usar a propaganda para os seus estudos.

Uma outra pergunta — presente na raiz de nossos estudos sociais, e que sempre reaparece — pode ser colocada: qual será a nossa ligação com a vida prática? O observador percebe muita coisa em um jogo, por isso, um distanciamento sábio deve ser mantido; nossas observações não podem ser muito genéricas e nem unilaterais. Nossas reflexões devem ser longas e imparciais; e como fica tudo isso, se não houver serenidade?

Daí, a “higiene mental” de Comte, ou, em relação a Mr. Spencer, sua defesa de um isolamento do mundo exterior, abstenção das atividades e responsabilidades sociais, mesmo aquelas enfrentadas por outros filósofos.

Há um outro aspecto a ser considerado: é vivendo que se aprende; e, como o naturalista, em razão de suas observações imparciais, e até para facilitá-las, não pode se identificar inteiramente com a vida e as atividades das pessoas no meio ambiente simples e natural que ele deseja investigar, então essa tarefa fica para os estudantes das sociedades.

Desse ponto de vista, "se estamos em Roma, sejamos como os romanos"; sintamo-nos em casa, integrados na vida e nas atividades características da cidade, nos movimentos culturais e sociais desse lugar que nos acolhe por um pouco de tempo, se quisermos compreender sua memória ou seu espírito, suas qualidades e defeitos, seu lugar na civilização.

Cada vez mais, devemos partilhar da vida e do trabalho na comunidade, se quisermos fazer uma avaliação rápida, isto é, discernir as possibilidades de lugar, trabalho, povo e dos agrupamentos e instituições, que lá existem e dos que são necessários, que o melhor de nossa vida fique no local, quando o deixarmos; que a nossa presença não o empobreça, mas o deixe mais rico ainda. É desejável que a nossa atividade, por vezes, interrompa a nossa observação e o hábito de filosofar, o que trará muitas compensações na caminhada, pois estamos em presença daquela ciência social experimental que os economistas políticos teóricos taxavam de impossível, mas que não perde, em valor, para a prática que ilumina a teoria em muitos campos mais simples de ação — digamos, na engenharia ou na medicina. Os maiores historiadores, antigos e modernos, foram aqueles que participaram dos acontecimentos. De fato, em todas as ciências, assim como nas indagações filosóficas, a vivência do princípio leva a melhor; é preciso viver, se quisermos conhecer a doutrina. O desapego científico é apenas uma postura, embora muitas vezes necessária; nosso propósito não pode ser atingido sem uma participação na vida ativa dos cidadãos.

Em cada profissão há uma camaradagem, que rápida e hospitaleiramente assimila o recém-chegado razoavelmente solidário. Eis a vantagem do cidadão do mundo, do artista e do amante da arte, do erudito, do especialista de todos os tipos; e, sobretudo, do cidadão atento à sociedade multifacetada, e que deseja ajudar e trabalhar com seus companheiros.

Embora a trama da vida de cada cidade seja única, em geral sua urdidura é semelhante. Os tipos de família, as profissões fundamen-

tais e seus níveis podem ser mais facilmente compreendidos do que seus resultados mais sutis. Contudo, na prática, isso ocorre raramente, porque as classes mais cultas tendem a se especializar, distanciadas da vida e do trabalho do povo, que é a grande massa dos cidadãos; mesmo seus eventuais governantes são muitas vezes pessoas do povo de melhor nível, em todas as situações. Daí, a maior necessidade do estudante urbanista estabelecer contato com o meio ambiente e as condições de vida do povo, assim como de seu trabalho; estabelecer empatia com suas dificuldades e alegrias, e não simplesmente com as pessoas cultas ou das classes dominantes.

Agora, o esforço das Fundações Universitárias superou a visita aos cortiços com finalidade filantrópica, o que felizmente já está fora de moda; mas, o estudante e trabalhador urbanista necessita de experiências mais profundas do que as oferecidas por essas iniciativas. Do ponto de vista filantrópico e educacional, social e político, há muito o que dizer sobre o valor das fundações, de seus cooperadores, das pessoas e organizações que elas influenciam; mas, para o crescimento de seu valor social e de sua influência, é necessário um certo progresso na sua maneira de ver as coisas, semelhante ao do estudante de medicina, quando passa de sua experiência no dispensário, atendendo aos doentes individualmente, para nova experiência no departamento de saúde pública.

As idéias do escritor sobre o estudo das cidades vêm-se aclarando através de muitos anos de esforços no campo de pesquisas urbanas. Elas têm sido centradas especialmente em Edimburgo (por uma série de razões: é uma das cidades mais interessantes do mundo, em relação ao levantamento urbano ou para ação experimental); e, também, na grande cidade industrial e porto de mar, Dundee; além de estudos e tarefas em Londres e em Dublin; e, com simpatia e laços especiais, em Paris e em outras cidades européias, e também americanas — e, dentre todos esses interesses e ocupações vêm-se delineando, aos poucos, um método de pesquisa e estudo urbano, um sistema de prática e aplicação.

Cada um deles é imperfeito, até mesmo embrionário, contudo uma breve orientação pode ser pelo menos sugestiva para os outros estudantes urbanistas. O princípio geral empregado é o sinóptico, procurando reconhecer e utilizar todos os pontos de vista e, desse modo, estar preparando a Enciclopédia Urbana do futuro. Ela deve incluir o aspecto científico e artístico da vida urbana, sobre o que se baseia uma interpretação do processo de evolução da cidade no pre-

sente e seus prognósticos de possibilidades futuras; e, assim, pode motivar e educar para a cidadania, juntando esforços para realização de alguns desses objetivos.

Os primórdios do observatório urbano, museu, estúdio e laboratório na Outlook Tower de Edimburgo.

Dessa forma, e também pela complementação dos estudos da natureza e da geografia, há muitos anos, surgiram os primórdios de um Observatório e Laboratório Urbanos em nossa Outlook Tower de Edimburgo. Um velho e imponente edifício, no alto da Velha Edimburgo, ele observa a cidade e grande parte de sua região; e, assim, cada visitante tem uma nova experiência do valor educativo dessa visão sinóptica. Pelo menos há duas gerações, antes do seu uso atual, ele foi o refúgio de turistas; e sua câmara escura foi conservada pelo efeito de harmonização da impressionante paisagem, próxima e distante, juntamente com significativo componente das qualidades características da pintura moderna. E também, por ela mesma, como uma evidência do que tantas vezes falta a mentes filosóficas e científicas, isto é, a visão sintética à qual elas aspiram e que podem ser alcançadas mais simplesmente pela abordagem estética e emocional e, dessa forma, ser visual e concreta. Em resumo, aqui, como em qualquer parte, as crianças podem ver mais do que os sábios. Porque, como não pode haver estudo da natureza, ou estudo geográfico digno do nome, separado do amor e da beleza da Natureza, assim também ocorre com o estudo da Cidade.

Um andar abaixo dessa elevada Observação do artista, e de sua galeria a céu aberto para os estudos geográficos, ambos se complementando em nível urbano e regional, surge — na plataforma principal de cobertura — o “Panorama” das ciências especiais.

Aqui, às vezes, é feita a análise da observação em seus vários aspectos — astronômico e topográfico, geológico e meteorológico, botânico e zoológico, antropológico e arqueológico, histórico e econômico, e assim por diante. Cada ciência é apresentada em seu aspecto simples e, contudo, especializado. Esse ou aquele elemento do meio ambiente global é isolado da totalidade de nossa experiência pelo artifício lógico da ciência. A possibilidade do exame especial desse elemento, assim efetivada, resulta no que chamamos uma “ciência”,

com uma certeza que permite previsão e ação. Porém, essa ciência, esse corpo de verdades verificáveis e passíveis de serem trabalhadas, é uma grande supressão indiscriminada de outras (e talvez, mais importantes) verdades, até sua reintegração, com os resultados de outros estudos, no todo social e geográfico, na unidade urbana e regional diante de nós.

Assim resumida, aí está nossa filosofia da ciência renovada, *civics*, e nossa reivindicação para a inclusão da *civics* na filosofia. Desse modo, com a ajuda do nosso panorama, a criança começa seus estudos científicos e o escoteiro, sua expedição. Mas o especialista deve voltar ao panorama para discutir a relação e aplicações de sua própria ciência com o filósofo, como cidadão, e com o cidadão, como filósofo.

O andar abaixo desse panorama é dedicado à Cidade. Seus mapas em relevo, geológicos e outros, são exibidos em relação a seus aspectos e à sua beleza, expressos em pinturas, desenhos, fotografias, e assim por diante; enquanto, dentro desse ambiente, foi gradualmente sendo preparado um levantamento de Edimburgo, de suas origens pré-históricas, passando por suas diferentes fases até o Levantamento fotográfico dos dias atuais. Dessa forma, os diferentes pontos de vista, que, em geral, dividem os especialistas, são aqui reunidos, com bom resultado educativo para todos os interessados.

Descendo, temos o andar dedicado à Escócia, com suas cidades pequenas e grandes. O andar seguinte é dedicado à Grã-Bretanha e, às vezes, a alguns representantes do mundo de língua inglesa, como os Estados Unidos, o Canadá e outros, sendo a língua, aqui, considerada fator mais importante para a unidade social e sociológica do que o vínculo do Império.

O próximo andar é dedicado à civilização européia (ou melhor, ocidental), com uma introdução geral aos estudantes históricos e à sua interpretação, e também com o trabalho de um Clube de Acontecimentos Atuais, um grande volume de recortes de jornais sobre muitos assuntos nacionais e internacionais; e, ainda, uma comparação entre grandes cidades ocidentais.

Finalmente, o andar térreo é dedicado às civilizações orientais e ao estudo geral do Homem; departamentos esses, até agora, pouco desenvolvidos.

RESUMO E CONCLUSÕES

A Evolução das Cidades

No primeiro capítulo, pretendemos fugir às abstrações correntes em economia e política, com as quais todos nós crescemos, de um modo ou de outro e voltamos ao estudo concreto — que, em longa caminhada, a atual filosofia social e política buscaram no passado —, ao estudo das cidades como nós as encontramos, ou melhor, como as vemos crescer.

O Mapa Demográfico e Cidades Cosmopolitas

Reconhecer o crescimento atual de nossas cidades, sua expansão e pressão sobre novos e enormes agrupamentos ou conurbações, e percebê-los com todas as suas cores — primeiro, no mapa de nossa ilha e, depois, em outros países, onde é também perceptível — foi empenho permanente dos dois capítulos subseqüentes. Dessa forma, emergiu a concepção da luta intersocial pela existência, não tão dependente, como muitos supõem, das conseqüências da guerra internacional ou, como querem os pacifistas, da manutenção do presente estágio da indústria no nível atual, pelas negociações livres. A

paz e a prosperidade dependem, acima de tudo, do nosso grau de eficiência como cidadãos, e na medida em que, em diferentes regiões, suas comunidades urbanas puderem atingir um estágio mais alto de civilização industrial.

A Era Industrial: Paleotécnica e Neotécnica

No capítulo 4, procedemos à crítica da expressão — muito vaga e livre de nossos historiadores e economistas — “Era Industrial”; e à análise de duas fases principais, rude e fina, velha e nova, Paleotécnica e Neotécnica; com conclusões abertamente críticas aos nossos tempos modernos, como ainda sendo predominantemente Paleotécnicos; contudo, não prescindindo das iniciativas de uma fase mais elevada, e dos instrumentos de progresso em sua direção.

No entanto, as condições que retardam nossa aceitação da ordem Neotécnica não são tratadas de modo tão linear. Por isso, em vez de tirar um simples programa de ação, a partir dessas considerações, para ser debatido e adotado no futuro, como se faz na política, partiu-se da necessidade de observar atentamente, expandir os dados colhidos, conhecer detalhadamente nossas regiões e cidades, e habilitar-nos para partilhar da promoção e do desenvolvimento de nossa cidade natal, sem transferir nossas responsabilidades para outros, através do aparato político eleitoral da municipalidade.

Viagem ao Exterior

Para a busca dessa necessidade de conhecimento da cidade e posteriores comparações, a viagem é muito mais interessante e instrutiva do que qualquer discussão mais abstrata. Daí, os capítulos (9 e 11) que resumem as anotações de uma viagem recente à Alemanha, tendo em vista um Planejamento Urbano; a Alemanha foi escolhida não como o país que, nos últimos anos, revelou-se competindo perigosamente no comércio ou nos assuntos navais, mas como a região da Europa onde o progresso urbano e o desenvolvimento se revelaram da maior importância para os países vizinhos, e de onde, em grande parte, vieram os incentivos para o movimento de Planejamento Urbano britânico e americano.

Mostras de Planejamento Urbano

A experiência acumulada pelas viagens ao exterior, ou pelas observações no próprio país, pode ser partilhada; anotações e impressões, gravuras, mapas, maquetas e outros registros gráficos podem ser compilados. Assim, aos poucos, surgem as Compilações para o Planejamento Urbano, e a partir delas, as Mostras de Planejamento Urbano. Elas surgiram na Alemanha, mas agora estão sendo apresentadas também nesse país e em outros, como exemplo, a “Mostra de Planejamento Urbano”.

Em seu conjunto, departamentos bem ordenados se destacam e surgem várias seções, de forma que os diversos colaboradores e organizadores mostram-se muito seguros em cada divisão do campo de trabalho. Em resumo, aumentam o desenvolvimento do saber especializado, a compilação do material necessário para comparação, e as referências e ilustrações; acrescenta-se a isso um amplo e dinâmico apelo ao público. Em cada cidade, uma após a outra, surge um novo interesse pelo seu passado histórico e social, uma crítica estimulante das vantagens e defeitos de seu estado atual, e a discussão sobre as possibilidades de sua melhoria e desenvolvimento.

Estudo de Cidades e o Espírito das Cidades

Nesse estágio, tinham que aparecer a Melhoria da Cidade e o Planejamento Urbano; e, contudo, diante das tradições do passado e a tantas sugestões do mundo contemporâneo, um novo período aparece, o de imitar o que admiramos, sem nenhum respeito pelas suas diferenças em relação ao nosso espaço, tempo ou tipo de vida.

Estamos saturados com a confusão existente em nossas cidades, que exibem febrilmente edifícios pseudoclássicos, na realidade românticos, supostamente para reviver o passado, e com as ruas medíocres ou com os convencionais subúrbios de vila, que representam a geração de seus construtores. Porém, a percepção dessas perspectivas e avenidas descaracterizadas nessa confusão do passado, ou além dele, que poderia satisfazer muitos planejadores urbanos, ou os esforços de tantos esquemas para repetir, aqui, ali e em toda parte, fragmentos de Letchworth ou de Hampstead (excelentes em seu contexto), são apenas pobres exemplos de Planejamento Urbano; de fato, são novos atrasos e novos obstáculos ao Plano Urbano.

Desenvolvimento sem afetação, verdadeiro Planejamento Urbano, verdadeiro Plano da Cidade pouco têm em comum com essas adaptações baratas ou cópias. Sob pena de desperdício econômico, de fracasso prático, de futilidade artística, ou algo pior, cada plano verdadeiro e esquema bem fundamentado deveria, e deve, expressar a utilização total de suas condições locais e regionais, e ser a expressão da personalidade local e regional. Dessa forma, o "caráter local" não é uma simples bizarrice acidental do velho mundo, como seus imitadores pensam e dizem. Ele só é atingido no decorrer de uma compreensão e tratamento adequados do meio, e num processo de simpatia ativa pela vida essencial e característica do lugar em questão.

Cada lugar tem sua verdadeira personalidade e, junto a isso, exibe alguns elementos singulares — uma personalidade, por mais apática que se mostre, é dever do planejador, como mestre, despertá-la. E somente ele pode fazer isso, por estar apaixonado e familiarizado com o seu assunto, verdadeiramente apaixonado e inteiramente à vontade — o amor, pelo qual a mais alta intuição supre o conhecimento e provoca a mais completa intensidade de expressão, para trazer à tona as possibilidades latentes, porém, não menos vitais.

Daí, nosso apelo em favor de um levantamento completo e radical do campo e da cidade, da vila e da capital, como preparação para todo o planejamento urbano e plano da cidade; e assim tornando-se, para a ordem Neotécnica que se inicia (ver mapa demográfico à p. 231), tudo o que o levantamento geológico foi para as cidades Paleotécnicas; na verdade, muito mais.

Por isso, são apresentadas indicações para métodos regulares de levantamento preliminar; para o museu e a biblioteca, a escola e a faculdade, a grande cidade e suas autoridades, que o leitor pode achar úteis, ou pelo menos sugestivas, para sua própria cidade. O problema essencial para todos nós é nos tornarmos, cada vez mais, supervisores; trata-se de vivificar e racionalizar nossa própria experiência, que é sempre singular. Esse amplo conhecimento é a preparação verdadeira e necessária para a melhoria do Campo e da Cidade.

A nova visão da Arte e da Ciência

Visto que o interesse, novo e fascinante, pelos nossos arredores mais próximos ganha da apatia comum, o cidadão, no seu perambular diário, e em suas ruas tão familiares, pode aos poucos, ou de repente, acordar para uma verdadeira revelação — a do interesse pelo passado e pelo presente, pelas possibilidades inesgotáveis das cenas sociais diárias ao seu redor, assim como pela sua beleza presente ou latente.

O trabalhador do comércio e da indústria, o eleitor comum e o associado, o alto funcionário administrativo e o rotineiro — que, para lhes fazer justiça, têm lutado obscuramente, em ambiente fechado, sem a luz do sol, por uma pequena melhoria em nossa desordem Paleotécnica — podem todos ser rejuvenescidos, reerguidos, vivificados por uma nova visão da arte, e também da ciência. A união vital e a coordenação dessas duas visões, da arte e da ciência, é a característica da ordem Neotécnica, cujo advento completo somente nossa preguiça ou nossa desesperança podem retardar.

O desânimo e o ceticismo, tão comuns na geração passada e na presente, ainda afetados pela geração que surge, não são posturas normais do pensamento, mas podem ser facilmente explicados, ou sanados. Por que a insuficiência da ciência no século XIX? Principalmente porque é demasiado estatística e analítica para se comunicar com a arte. Por que a insuficiência dos movimentos artísticos e romântico? Porque exageradamente retrospectivos para se relacionar com a ciência. Cada uma envolvia os fracassos de ambas nas aplicações social e urbana, daí sua grande lacuna quanto às preocupações pessoais, ou mecânicas e comerciais.

Mas, agora, as ciências estão se tornando evolucionistas em suas visões e previsões, mais coordenadas e sociais em sua aplicação. O artista está fugindo de um esforço meramente fútil para reconstruir a concha e a imagem do passado que se desvaneceu: isso ele percebe, porque suas qualidades artísticas residem na expressão das emoções vitais, dos ideais e das idéias de seu tempo; assim, sua tarefa deve expressar o melhor de sua era, como novos métodos construtivos.

À medida que o cientista e o artista progredem nessa direção, começam também a compreender e a confiar um no outro; começa uma cooperação real. E quando essa incipiente união da ciência e da arte se torna realidade, nosso desânimo e ceticismo enfraquecem; em

pouco tempo, nossas inibições e paralisias se desvanecerão. Assim, uma nova era, um novo entusiasmo, uma nova iluminação já estão nascendo; e, com isso, o Renascer da Cidade está próximo.

O Levantamento Regional e suas aplicações — Desenvolvimento Rural, Planejamento Urbano, Plano da Cidade — estão destinados a ser pensamentos magistras e ambições práticas para a geração que está chegando, não menos importantes do que foram o Trabalho, a Política e a Guerra para a geração passada e presente. Através dessas atividades construtivas, todos os elementos legítimos e efetivos podem ser realizados; eles que são a base do trabalho, da política e mesmo da guerra em seus melhores aspectos, ainda que inadequados.

Para os geógrafos, cabeças pensantes aqui e ali, para os artistas e engenheiros civis, e para os planejadores urbanos, também, a ordem Neotécnica não só está se tornando consciente, mas generalizada, uma vez que é geotécnica; e suas artes e ciências serão vistas menos como prazer intelectual, como aquisições, honras, e mais como algo que possa ser organizado para o serviço geográfico, a regeneração regional do País e da Cidade.

Por tudo isso, estamos aprendendo a perceber melhor o espírito da nossa grande pequena cidade; e podemos distinguir para além da melhoria geral, mais ou menos comum a todas as cidades de nossos dias, os desenvolvimentos característicos de que nosso futuro certamente será mais capaz e pelos quais possa ser melhor expresso o espírito que aprendemos a valorizar.

O Nascimento da Idade Neotécnica no Renascimento das Cidades

Essa regeneração não é simplesmente, e nem fundamentalmente, geográfica. Ela é eugênica e educacional — por isso, psíquica, acima de tudo. A Eutopia é, assim, cada pequena parcela de um ideal tão realizável na fase Neotécnica inicial da Idade Industrial como o “progresso material” e o “desenvolvimento industrial” das atuais Kakotopias negras e esquálidas, entre as quais aparece a desordem Paleotécnica, agora se aproximando do seu fim. Sobre suas cinzas, a plantação das futuras florestas já está, aqui e ali, despontando; entre suas casas pobres e sujas, sobre o lixo enterrado e a decadência, nossas crianças já estão cultivando rosas.

Conforme essa reconstrução material e intelectual, essa transição social e urbana, torna-se consciente para essa geração que vem surgindo, o processo é cada vez mais rápido, independente da má vontade ou insensibilidade do cético, quer se ele venha conosco, quer se esconda. Não nos desesperamos a ponto de pensar que ele não vai se recuperar da ferrugem das frustrações acima referidas, ou renascer da prolongada hibernação. Embora ele se mostre desdenhoso diante de nosso momento incipiente, seu tom irá mudar quando essa nova ordem urbana e social puder exibir, além das ervas daninhas e das sementeiras, um pouco de flores e frutos.

Assim, em relação a cada um dos políticos, qualquer que seja a sua tendência. Porque os ideais de cada escola e os objetivos de cada partido — de *per se* mais ricos do que seus rivais admitiriam em homens de visão e boa vontade — não poderiam surgir sem as bases do passado, ou da vida presente de nossas comunidades, sem nenhuma perspectiva sobre sua continuidade.

Através dessa visão mais completa, e da interpretação da vida das cidades, passada e presente, na direção que estamos buscando como estudantes — através de *civics*, a caçula das ciências, devendo ser em pouco tempo a mais fecunda; de prognósticos mais lúcidos e da preparação de um futuro promissor, que se estende à frente de cada comunidade, e que a correspondente arte da ciência renovada, *civics*, possibilitará — as freqüentes discórdias entre os partidos e as profissões terminarão por se resolver. As rivalidades serão reduzidas e transformadas em cooperação. Hospitalidades e egoísmos, que podem provocar rivalidades na promoção do bem comum, vão chegar à vitória, sucesso e auto-realização, através do serviço.

Em *civics*, a tarefa de cada um possui uma retidão de responsabilidade superior ao que ocorre no campo político e econômico-monetário. Embora estejamos em uma era científica, em que não esperamos mais aquele grau abstrato de perfeição, sonhado e expresso pela era política, que se desenvolveu e definiu, temos a compensação de uma visão mais concreta — possibilidades que se abrem, melhoria e elevação social —, dia após dia, geração após geração, do povo, do trabalho e do lugar.

Dentro dessas condições atuais, a harmonia social pode agora se estabelecer; há o apelo de esforços harmônicos, excedendo as aspirações do passado, elevando-as acima de suas realizações históricas.

As Eutopias já estão despontando — aqui, ali, em toda parte. Apesar do pano de fundo da guerra européia, com suas conseqüências destrutivas mais que materiais, a geração que vem chegando deve aplicar sua mente na re-sintetização dos problemas, visando a reconstrução das tarefas. Só então, a Evolução Confusa das Cidades poderá ser deslindada e interpretada, e o Renascimento das Cidades será efetivamente iniciado.

MOSTRA DE PLANEJAMENTO URBANO

Ilustrações selecionadas da segunda mostra de Geddes, montada na Índia, depois que a primeira mostra (1910) tinha se perdido no naufrágio do Emden, a caminho da Índia, durante a 1ª Guerra Mundial. Texto extraído do Catálogo de Geddes para a primeira mostra.

há seis partes:

O Perfil do Vale
Origem do Planejamento
Cidades Medievais
Cidades da Renascença
Grandes Capitais
Cidades-jardim

Introdução

Uma Pesquisa Preliminar, um Levantamento Urbano, é essencial para um Planejamento Urbano adequado, ainda mais tendo em vista a Melhoria e Desenvolvimento da Cidade, em qualquer escala expressiva. Mas as pessoas que trabalham nesse levantamento, se estiverem principalmente interessadas